

**Comentário sobre *Le Cas Jonas – Essai de phénoménologie clinique et criminologique*, de Jérôme Englebert e Grégory Cormann**

**Commentary on *Le Cas Jonas – Essai de phénoménologie clinique et criminologique*, by Jérôme Englebert and Grégory Cormann**

**Fabio Caprio Leite de Castro**

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural

(SBPFE) Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

RESENHA



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.  
2023; vol 12 (3): 59-66

Published Online  
20 de dezembro de 2023  
<https://doi.org/10.37067/rpfc.v12i3.1154>

Fabio Caprio Leite de Castro

Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS, no qual desenvolve a linha de pesquisa Fenomenologia e Hermenêutica (área de concentração Metafísica e Epistemologia)

Contato: [fabio.castro@pucrs.br](mailto:fabio.castro@pucrs.br)

Comentário sobre *Le Cas Jonas – Essai de phénoménologie clinique et criminologique*, de Jérôme Englebert e Grégory Cormann

Na tradição da psicopatologia fenomenológica e da fenomenologia clínica, o estudo de caso costuma ser considerado como a via régia para a investigação em psicopatologia, bem como para a construção de critérios clínicos de diagnóstico e psicoterapia. É famoso, por exemplo, o estudo de Jaspers (2021) sobre a relação entre a esquizofrenia e a genialidade artística de Van Gogh. Igualmente, constituem um marco na psiquiatria fenomenológica os estudos de caso de Binswanger, tal como no livro *Esquizofrenia* (1957), em que são apresentados cinco pacientes, entre os quais, os casos de Ellen West e de Susan Urban. Não poderíamos deixar de mencionar os inúmeros ensaios de psicanálise existencial realizados por Sartre, que culminam em seu volumoso estudo sobre Gustave Flaubert, *O Idiota da Família* (1988), no qual se encontra uma análise diagnóstica da neurose flaubertiana e sua relação com a neurose de época. No que diz respeito à perspectiva fenomenológica, Eugène Minkowski chegou até mesmo a afirmar, em seu esforço para descrever o essencial, que ela “se separa de toda estatística”, pois, para o método fenomenológico, “um apenas é o suficiente”. (2002, p. 104).

Nos mais de cem anos da psicopatologia fenomenológica, a interrogação que se impõe diz respeito ao *modo* como se realiza o estudo de caso. Entre as múltiplas questões que daí emergem, encontram-se as perguntas sobre a atitude, a aproximação com o paciente e a escuta, sobre um possível diálogo da fenomenologia clínica com outras ciências, sobre o uso dos mais variados recursos de análise.

O quanto esse questionamento se mostra ainda perene e pertinente se evidencia com a publicação, em 2021, na coleção *Phénoménologie Clinique*, do livro *Le Cas Jonas – Essai de phénoménologie clinique et criminologique*, de Jérôme Englebert e Grégory Cormann. Inscrevendo-se na longa tradição fenomenológica à qual aludimos, o livro propõe um modelo inovador de análise clínica, ampliada pela análise criminológica, que se abre para um diálogo com múltiplas perspectivas. Essa atitude metodológica é proposta não como forma de fazer as diversas e possíveis abordagens rivalizarem entre si, mas de fazê-las ressoar cada uma frente às outras, com vistas ao aprofundamento da compreensão do caso estudado. Nesse sentido, Englebert e Cormann propõem, de modo ensaístico, os mais variados recursos para compreender o caso *Jonas*, sejam eles advindos da psicopatologia clínica, da

criminologia, da etologia, da fenomenologia da situação, da fenomenologia do eletrochoque, da literatura e, até mesmo, da análise cinematográfica comparativa.

O livro tem origem no encontro clínico de Englebert com Jonas, na prisão, durante o ano de 2007. Naquela ocasião, Jonas encontrava-se em prisão preventiva por ter disparado um tiro no vazio quando policiais chegaram em seu domicílio, em razão de uma forte discussão com o seu filho. Inicialmente, o relato sobre o caso integrou a tese de Englebert, transformada no livro *Psychopathologie de l'homme en situation. Le corps du détenu dans l'univers carcéral* (2013). Depois desse livro exitoso, entretanto, o caso Jonas não cessou de provocar novos debates, resultando na publicação do artigo de Englebert e Cormann (2016), *Phénoménologie de l'électrochoc: une reprise du cas Jonas*. Portanto, o que encontramos no livro *Le cas Jonas* (2021) é o resultado de um enorme trabalho, conduzido, inicialmente, na clínica de um caso singular, que está na base de uma pesquisa aprofundada acerca do universo carcerário, mas continuou a produzir novas reflexões e debates sobre o sentido do choque, da ação disruptiva, realizada por um paciente cujo quadro, paradoxalmente, é o de melancolia.

Jonas é um senhor que se aposentara aos 62 anos, casado há 30 anos com Catherine, com quem teve o filho Denis, de 20 anos. À época dos fatos, sua mãe, de 94 anos, tinha acabado de falecer. Bastante apreciado por sua equipe e outros conhecidos, Jonas era tido como uma pessoa franca e justa em todas as circunstâncias. Possuía uma rotina perfeitamente organizada, ritmada, nos últimos 18 anos, sem exceção, de visitas à sua mãe. Quando esta falece, Jonas começa a pensar regularmente em suicídio e declara com frequência que “a vida não tem mais sentido” (Englebert e Cormann, 2021, p. 26). Invocando um pretexto de herança, ele se muda, sozinho, para a casa da mãe, passa a se ocupar dos gatos que ela deixou e começa a beber. Ele redige, então, um “projeto de testamento” (Englebert e Cormann, 2021, p. 27), que é logo descoberto por seu filho, o qual imediatamente decide deixar a sua casa. Eles iniciam uma forte discussão. Catherine liga para a polícia. É nesse momento que Jonas dispara um tiro de fuzil de caça (único bem deixado por seu próprio pai), no vazio, e é preso preventivamente.

Do ponto de vista da psicopatologia e da criminologia, há uma tendência, talvez prevalente em nosso tempo, de tratar este caso como uma situação banal de desvio, ou seja, um ato de delinquência realizado por um paciente que apresenta um quadro depressivo com ideação suicida. No entanto, é exatamente este conformismo

diagnóstico e de qualificação criminológica que Englebert e Cormann nos convidam a não aceitar de pronto. Ao invés de confinar Jonas em uma patologia, os autores exploram uma nova possibilidade de interpretação: o tiro disparado por Jonas poderia ser tomado como um ato de liberdade, talvez o primeiro em sua vida, face à perda de sentido do seu mundo.

Após a apresentação e um primeiro balanço das muitas nuances do caso, Englebert e Cormann propõem diferentes movimentos de análise, que caracterizam os vários capítulos do livro. Este caminho é construído por um modelo fenomenológico de interpretação que vai se constituindo e aprofundando em etapas, alcançando diferentes camadas de significação do caso. O primeiro movimento de análise volta-se para o diagnóstico de Jonas, no Capítulo II, “*Du typus melancholicus à la melancolie*” (2021, p. 29-46). Nesse ponto, já se trata para os autores de mostrar a insuficiência do diagnóstico de transtorno depressivo maior com característica melancólica. Seguindo a tradição fenomenológica, eles consideram pertinente e útil conservar o diagnóstico de melancolia, distinguindo-o da depressão (2021, p. 30). Neste sentido, eles mostram como o caso se revela, surpreendentemente, próximo ao que Tellenbach (1974) chamou de “*typus melancholicus*”, especialmente se considerarmos as duas principais características pré-mórbidas do melancólico, a “necessidade de ordem” e o “caráter consciencioso” (2021, p. 36-37). Para demonstrá-lo, os autores colocam em evidência aspectos que dizem respeito à ritmicidade organizadora de Jonas, colocados em perspectiva também a partir de dados da etologia animal. A essas questões, os autores adicionam que a perda de sentido do futuro está relacionada, na melancolia, a um transtorno de identidade. Embora esse capítulo seja essencial ao ensaio, por mostrar que o caso exige uma análise mais aprofundada sobre questões envolvendo a personalidade de Jonas, o seu ato permanece, ainda, incompreensível.

Doravante, toda a sequência de capítulos proposta por Englebert e Cormann é construída com vistas à compreensão da *passagem ao ato*. Ao invés de tomar a ação de Jonas como uma ação explicada tautologicamente por seu quadro melancólico, os autores propõem que permaneçamos investigando o caso. No Capítulo III, “*Situation, choc et liberté*” (2021, p. 47-70), Englebert e Cormann introduzem um novo plano de análise fenomenológica do caso, desta vez, voltada para o ato violento de Jonas, a partir de temas oriundos da ontologia fenomenológica de Sartre, como o *ser-em-situação*. Nesse sentido, o ato de Jonas é colocado em

perspectiva como um “instante” de liberdade, ou seja, como a possibilidade de uma ruptura da unidade ek-stática do ser (2021, p. 51-52). Tomado como um ato livre, de uma liberdade “espasmódica” (2021, p. 58), a ação de Jonas também é analisada como um ato situado, em sua dimensão corporal, como tentativa de “reterritorialização corporal” (2021, p. 54), considerando que Jonas finalmente assume a sua contingência como “injustificável” (2021, p. 56). O capítulo reserva múltiplos aprofundamentos sobre esses aspectos, colocando em questão a mobilidade do colonizado, a passagem do suicídio “fracassado” a uma reciprocidade de liberdades, em diálogo com as obras de Marcel Mauss, Frantz Fanon e Judith Butler.

No capítulo IV, “*Phénoménologie de l'électrochoc*” (2021, p. 71-82), Englebert e Cormann realizam como que um retorno à perspectiva psicopatológica, desta vez, a partir de um aspecto que emerge no ponto anterior. Trata-se da consideração do tiro de fuzil de Jonas como vivência de um choque. Esse aprofundamento permite aos autores avaliar aspectos da melancolia em relação à noção de território, uma vez mais promovendo um diálogo com a psiquiatria e a etologia. “Enquanto o maníaco seria por todo lugar como em sua casa, o melancólico se sentiria por todo lugar como importuno.” (2021, p. 76). Graças a essas análises, os autores resgatam a noção de “*raptus melancholicus*”, discutida por Pierre Janet e Gerd Huber, cuja fineza não se encontra mais no modelo do DSM-IV ou V. O *raptus* é um desejo súbito e imperioso de realizar um ato que pode ser violento e que, no limite da atividade voluntária e do reflexo, pode conduzir a uma agressão moral, ao suicídio, à automutilação ou a uma fuga desvairada (2021, p. 79). Nesse sentido, o melancólico teria algo como uma necessidade de choque, de uma territorialização que ele jamais experimentou. Por certo, há muitos tipos de choque, de modo que o clínico deve estar atento para poder identificá-los.

Com o objetivo de levar ainda um pouco mais adiante a reflexão sobre o choque, Englebert e Cormann propõem no Capítulo V, “*Héritier d'un cas cinématographique: Demolition*” (2015), uma variação da abordagem até então realizada, a fim de traçar um possível comparativo do caso Jonas com o filme *Demolição*, de Jean-Marc Vallée. O seu objetivo não é meramente ilustrativo, ou, menos ainda, de tomar uma coisa por outra. Trata-se de uma aposta nos efeitos de choque produzidos pelo cinema sobre o pensamento, que podem gerar novas formas de compreensão sobre um caso. Nesse sentido, “o estudo de um homem em

situação não se reduz ao trabalho de contextualização do caso” (2021, p. 87), pois um tal estudo supõe, ao contrário, que se possa identificar uma estrutura de experiência que não varia de uma situação à outra. É assim que os autores exploram um grande conjunto de questões ainda não investigadas nos capítulos anteriores, como a questão do manejo de instrumentos enquanto técnica do corpo, a educação fracassada, a invenção da herança e sua interpretação existencial.

Ao final do livro, em seu Capítulo VI, “Jonas AMOK? (2021, p. 107-125), encontra-se a última e, talvez, a mais emblemática das análises propostas por Englebert e Cormann. Neste capítulo, os autores propõem que voltemos nossa atenção às patologias da vida social na contemporaneidade, com vistas a uma última comparação. A procura de Jonas por um choque é interpretada, então, como *amok*, um tipo de comportamento bastante presente na atualidade midiática. “Amok” designa um comportamento assassino e suicida observado por viajantes europeus na Malásia e no arquipélago de Java. O termo inspira-se no grito, geralmente de homens – “amuk” significa, em malásio, “irritado”, “enfurecido” (2021, p. 108). Em português, embora pouco usual, o termo gerou a palavra “amouco”. Englebert e Cormann exploram o uso do termo de diferentes maneiras. Retomam, por exemplo, o uso desta palavra por Stefan Zweig, que com ela denominou um conto de 1922. Além disso, eles colocam em evidência o interesse manifesto pela psiquiatria comparada em relação a esse fenômeno. Em suas pesquisas sobre Java, Emil Kraepelin associou o amok à epilepsia (2021, p. 111). Divergindo dessa perspectiva, Georges Devereux criticou a generalização do termo fora da cultura em que ele foi observado, propondo a noção de “desordens étnicas” (2021, p. 111) para nomear o modo como as diferentes culturas estabelecem as maneiras de desviar da conduta autorizada em situações de estresse. É nesse sentido, passando pela noção maussiana de “técnicas do corpo” e por um diálogo com a antropologia, que Englebert e Cormann (2021, p. 120-123) chegam à descrição do comportamento de Jonas como afirmação violenta de individualidade e forma agonística de respiração social. Ou seja, o amok corresponderia a uma forma de respiração social agonística e afetivamente intensa, “o mais próximo da violência de despersonalização e do narcisismo social que ela tenta conjurar” (2021, p. 123).

Como afirma Hubert Wykretowicz (2021, p. 131) no posfácio, o que Englebert e Cormann convidam a encontrar no livro não é um delinquente, um perdedor, um louco, um inadaptado, tampouco uma explicação estatística da delinquência. Com

efeito, o que torna o livro magnífico é o modo como o caso é apresentado, fazendo com que as diversas abordagens dialoguem entre si, mesmo aquelas que poderiam parecer concorrentes à primeira vista. *Le cas Jonas* nos convida a repensar em profundidade, à medida em que faz avançar sua análise, o sentido da atitude fenomenológica na clínica e em criminologia.

**Referências Bibliográficas**

- Binswanger, L. (1957). *Schizophrenie*. Tübingen: Neske.
- Englebert, J. (2013) *Psychopathologie de l'homme en situation. Le corps du détenu dans l'univers carcéral*. Paris : Hermann.
- Englebert, J.; Cormann, G. (2016). "Phénoménologie de l'électrochoc : une reprise du cas Jonas". In Englebert, J.; Cormann, G. (Org). *Psychopathologie et Philosophie. Nouveaux débats et enjeux contemporains*. Paris : Le cercle herméneutique, p. 43-66.
- Englebert, J.; Cormann, G. (2021). *Le Cas Jonas – Essai de phénoménologie clinique et criminologique*. Paris: Hermann.
- Jaspers, K. (2001). *Genio artístico y locura – Strindberg y Van Gogh*. Trad. Adan Kovacsics. Barcelona: El Acantilado.
- Minkowski, E. (2002). "Phénoménologie et analyse existentielle en psychopathologie". *Écrits cliniques*. Ramonville Saint-Agne: Érès, p. 95-138.
- Sartre, J. P. (1988). *L'Idiot de la famille – Gustave Flaubert de 1821 à 1857*. Volume II. Paris : Gallimard.
- Tellenbach, H. (1974). *Melancholie – Problemgeschichte, Endogenität, Typologie, Pathogenese, Klinik*. 2ª ed. Berlim: Springer.
- Wykretovicz, H. (2021). "Posface au cas Jonas". In: Englebert, J.; Cormann, G. *Le Cas Jonas – Essai de phénoménologie clinique et criminologique*. Paris: Hermann, p. 127-132.